I.

Na Alemanha, Annegret Kramp-Karrenbauer substitui Angela Merkel na liderança da CDU. A sucessora garante que é muito mais do que uma cópia da chanceler alemã.

O holandês Frans Timmermans é o candidato dos socialistas à presidência da Comissão Europeia.

Nesta edição ainda: Brexit vai hoje a votos no Parlamento britânico.

II.

Annegret Kramp-Karrenbauer foi eleita na sexta-feira a nova líder do partido de centro-direita da Alemanha – a União Democrática Cristã.

Karrenbauer impôs-se no congresso da CDU por uma margem mínima: 51,8% dos votos contra 48,2% de Friedrich Merz, representante da ala mais à direita do partido.

Vamos conhecer um pouco mais sobre AKK, como também é conhecida a sucessora de Merkel. Aqui um trabalho de Cristina Santos da Antena 1.

Nasceu no mais pequeno estado alemão, Saarland, que é também um caldeirão de culturas. Quem vive em Saarland adora boa comida e beber. Aliás, o consumo mais elevado de champanhe per capita, na Alemanha, é registado neste pequeno estado, que viu nascer há 56 anos Annegret Kramp-Karrenbauer. Um nome difícil de pronunciar e que é grande o suficiente para que os média alemães a apelidem de AKK.

Vista por muitos como uma "mini-Merkel", Annegret tem repetido a frase: "Criei com o meu marido três filhos, há 18 anos que tenho responsabilidades governativas, não tenho nada de mini". Comparando ideias, Annegret Karrenbauer é mais conservadora em termos sociais do que Merkel. Concordou com a política para os refugiados, mas tem defendido, por exemplo, a deportação de quem pede asilo e já cometeu crimes. Quanto à política de trabalho, defende o salário mínimo nacional, sendo por isso vista como mais à esquerda do que Merkel. Há mesmo quem veja em Karrenbauer mais parecenças com o antigo chanceler Helmut Kohl, até porque não esconde o sotaque regional, neste caso, de Saarland.

Com 56 anos e formação católica, AKK herda um partido em queda de popularidade.

E connosco ao telefone desde Bruxelas está Victor Ângelo, consultor internacional e comentador residente do Magazine Europa.

Victor, Karrenbauer venceu por uma margem mínima. Isto quer dizer que a CDU está muito dividida ideologicamente? Significa que havia pelo menos dois grandes candidatos. E que ambos os candidatos representavam correntes importantes dentro da CDU, ou seja, divisões, embora a vitória de Annegret Kramp-Karrenbauer tenha depois resultado numa unificação do partido, na medida em que o candidato que perdeu reconheceu imediatamente a autoridade da nova presidente do partido e eu penso que uma das principais tarefas que AKK tem pela frente é unificar a família cristã democrata da Alemanha.

Mas e o eleitorado da CDU? É com Karrenbauer que se identifica? É difícil dizer. Ela para além de ter que unificar a família CDU, ela vai ter que preparar as eleições europeias do mês de Maio e evidentemente esse é o grande teste à sua liderança. A verdade é que ela é relativamente popular, é muito popular no estado, no "länder" (estado federado) de onde vem, que é um "länder", onde toda a gente a dava como vencida e ela acabou por ganhar as eleições regionais. Tem muita habilidade eleitoral, fez uma boa escolha no que diz respeito ao número 2 do partido - foi escolher um candidato, uma pessoa jovem, que é o presidente da Juventude Cristã Democrata. E, além disso, Karrenbauer representa, em certa medida, aquilo que o eleitorado alemão gosta, ou seja, ela é conservadora em termos dos valores, mas é progressista em matéria de direitos sociais, ou seja, com estas duas características, ela poderá atrair eleitores mais à direita e mais ao centro, dentro da família Democrata Cristã.

Muitos têm sido os meios de comunicação social que têm feito uma comparação entre Angela Merkel e Anegrett Kramp-Karrenbauer. Dizem que a nova líder é uma versão "mini" de Angela Merklel. Injusto este rótulo, Victor?

É um rótulo que ela vai ter que deixar cair e vai ter que mostrar ao eleitorado e à população alemã que na realidade ela representa uma nova maneira de fazer as coisas dentro do partido e uma nova maneira de encarar a acção política. Ela não pode de modo algum ser vista apenas como a continuidade da senhora Angela Merkel, porque isso, evidentemente, não lhe permitiria renovar o partido e não lhe permitiria renovar o eleitorado. Aliás, ao preparar as eleições europeias e ao preparar também as eleições regionais que vão ter lugar em 2019, ela tem, sobretudo, como objectivo

recuperar os eleitores que foram votar extrema-direita nas últimas eleições. E é esse o grande desafio que ela tem pela frente. Pela maneira como ela tem conduzido as suas campanhas eleitorais e também pela personalidade que tem, talvez consiga trazer para a família democrata cristã os eleitores que votaram pela Alternativa para a Alemanha, que é uma alternativa de extrema-direita.

III.

E ainda na actualidade europeia:

Apoiantes do Partido para a Independência do Reino Unido e simpatizantes do Partido Trabalhista marcharam no domingo separadamente no centro de Londres. O eurocéptico UKIP organizou uma manifestação denominada "A traição do Brexit".

Já o movimento Momento dos Trabalhistas, quis contrariar a presença dos eurocépticos na capital do Reino Unido.

Entretanto, o Tribunal de Justiça da União Europeia, com sede no Luxemburgo, decidiu ontem que o Reino Unido tem a capacidade de revogar de forma unilateral a decisão de saída da União Europeia.

Recorde-se que hoje, a Câmara dos Comuns conclui cinco dias de debate com a votação sobre o acordo de saída do Reino Unido da União Europeia e da declaração política sobre o futuro da relação entre Londres e Bruxelas.

Victor, o que é se espera deste voto, hoje, em Westminster? Provavelmente Theresa May vai perder o voto, a não ser que aconteça um milagre e a grande questão é o que vai acontecer em seguida.

E o que é que podemos esperar que aconteça?

Tudo pode acontecer. Muito provavelmente Theresa May não só ficará muito enfraquecida, mas também muito provavelmente poderá acontecer que ela tenha que sair do poder, ou seja, que haja um desafio à sua autoridade enquanto primeira-ministra, quer ela pedindo a demissão, quer havendo uma competição interna dentro do seu partido para a substituir. Por outro lado, os britânicos terão que voltar a Bruxelas para perguntar a Bruxelas e perguntar aos estados-membros da União Europeia se há ainda margem de manobra para novas negociações. Muito provavelmente a resposta será que não há margem de manobra. E nas próximas semanas haverá uma segunda votação em Westminster. Provavelmente será idêntica à primeira votação, ou seja, que voltará a chumbar a proposta de acordo. As grandes questões serão: irá a Grã-Bretanha a eleições antecipadas ou organizar-se-à um segundo referendo para ver se o Brexit se mantém ou não. Mesmo havendo um segundo referendo, nós iremos assistir a uma campanha à volta

desse referendo extremamente divisiva e com algumas hipóteses dos adeptos do Brexit voltarem a ganhar esse referendo.

O Brexit parece estar a falhar, Emmanuel Macron também. As manifestações dos coletes amarelos estenderam-se a outras cidades francesas, além de Paris, Lyon foi outro dos palcos dos protestos. Como é que vai recuperar Macron o diálogo e a unidade nacional? Muito dificilmente. Há uma crise muito profunda na França, uma crise que é social, uma crise que é política. É social no sentido de que as pessoas têm muitas dificuldades em chegar ao fim do mês e pagar as contas do fim do mês. É política no sentido de que as instituições e os partidos deixaram de representar efectivamente as preocupações da população francesa. A primeira instituição que está a ser posta em causa é a própria presidência de Emmanuel Macron. Nós não vamos ter oportunidade de comentar o discurso à nação que ele fará depois de nós termos gravado este programa, mas a verdade é que as hipóteses que ele tem são poucas. Uma delas seria a dissolução da Assembleia Nacional e chamar o eleitorado a novas eleições. Essa é a posição que os diferentes partidos da oposição prefeririam. Eu penso que ele não aceitará. Mas na realidade qualquer outra medida que venha a tomar mostrará um recuo das posições de Emmanuel Macron, um recuo da sua agenda reformista e evidentemente um enorme enfraquecimento político da sua posição, ou seja, nós iremos ter nos próximos tempos um presidente da Republica francesa que não só não conseguirá fazer as reformas que são fundamentais em França, mas também um presidente da República que estará um pouco ao sabor das pressões populares.

Estas começaram por ser manifestações em oposição à subida do preço do combustível. E agora, o que é que está em causa? Estes protestos são uma autêntica salada russa, no sentido de que há todo o tipo de reivindicações. Não é apenas a questão dos combustíveis, é a questão dos impostos, é a questão da distribuição da riqueza, é a questão da imposição das grandes fortunas e é também a questão do aumento das pensões, do aumento dos salários e de outras reformas que têm a ver, por exemplo, nomeadamente com a reforma do sistema educativo, na medida em que também estão na rua muitos estudantes dos liceus e das escolas secundárias a protestar contra a modernização e a reforma que o presidente Macron queria trazer ao ensino secundário em França.

Ou seja, nós estamos neste momento a assistir a uma salada russa muito difícil de gerir e muito difícil também de comer, porque uma salada russa tão variada acaba por ser indigesta. Ja voltamos à análise com Victor Ângelo.

Entretanto, em Lisboa, Frans Timmermans assumiu a liderança dos socialistas europeus à presidência da Comissão Europeia. No congresso do partido, em Portugal, o holandês elegeu o combate ao nacionalismo e ao autoritarismo como prioridade nas próximas eleições europeias. Mais com a jornalista Sofia Jesus.

"Estas não vão ser eleições normais". As palavras são de Frans Timmermans durante o discurso de encerramento do Congresso do Partido Socialista Europeu, em Lisboa. O político holandês referia-se às eleições europeias, que se realizam em Maio do próximo ano.

E completou dizendo que estas "são as eleições em que há mais em jogo desde as primeiras eleições directas para o Parlamento Europeu, em 1979".

Foi neste congresso que Timmermans foi aclamado como 'Sptizenkandidat', ou seja, o candidato desta família política à presidência da Comissão Europeia nas eleições para o Parlamento Europeu em 2019.

O candidato socialista deixou promessas aos polacos e aos húngaros, liderados por governos nacionalistas, e garantiu que não serão abandonados na luta pela democracia e liberdade.

Nesta ocasião, o secretário-geral do PS, em Portugal, António Costa defendeu uma integração europeia com base nos valores da democracia, da tolerância, do modelo social europeu e do comércio livre regulado.

Já o primeiro-ministro espanhol, Pedro Sánchez, propôs a apresentação nas eleições europeias de um "novo contrato social", assente em cinco eixos: a educação; o mercado de trabalho; o financiamento e manutenção do Estado de bem-estar social; o meio ambiente e as alterações climáticas; e a defesa inequívoca dos valores democráticos em todos os Estados-membros na União Europeia.

Victor, os líderes socialistas europeus dizem que se avizinha um ano difícil. Quais são os maiores receios ou desafios?

O Partido Socialista Europeu tem que mostrar que é diferente do centro-direita e essa é a grande questão. Tem havido uma identificação muito próxima entre o centro-esquerda, representado pela família socialista, e o centro-direita, representado pelos países democratas cristãos, que na realidade o eleitor já não sabe qual é a diferença que há entre os partidos socialistas e os partidos do centro-direita.

E esse é o grande desafio. A família socialista tem que mostrar que tem uma agenda própria e uma agenda que é diferente do centrodireita.

E que dizer da escolha de Fras Timmermans como `Spitzenkandidat´ do Partido Socialista Europeu?

Escolher Frans Timmermans como cabeça de lista para as eleições europeias foi uma escolha relativamente fácil, não havia outro candidato. Foi um candidato único, aprovado por unanimidade. Ele é de facto dentro das estruturas europeias uma personalidade muito forte, uma personalidade que tem marcado a agenda europeia. Mas a verdade também é que eu me interrogo sobre se será ter uma boa ideia como cabeça de lista da família socialista alguém que está profundamente identificado com a Comissão Europeia actual, com a burocracia de Bruxelas e também em em certa medida, profundamente identificado com Jean-Claude Juncker. As eleições europeias mostrarão.

Está a pensar em algum nome, alternativa para renovar o Partido Socialista Europeu?

Na realidade não e esse é um dos problemas. A partir do momento em que os partidos socialistas deixam de estar no poder, perdem a visibilidade, não só perderam eleitores, mas perderam sobretudo visibilidade mediática e nós chegamos a poucos meses antes das eleições europeias sem haver nenhuma estrela, digamos assim, dentro do Partido Socialista e da família socialista europeia que pudesse mostrar que há um conjunto de ideias novas, e que há sobretudo uma nova onda de esperança que poderá vir de um voto socialista.

Por isso aparece um indivíduo que é muito bom, não há dúvida nenhuma que politicamente e em termos de experiência Frans Timmermans é um político sólido, mas não é um político de massas e não é certamente a pessoa que terá aquele carisma necessário para mostrar ao eleitorado do centro-esquerda europeu que os partidos socialistas na Europa família socialista na Europa representam de facto uma alternativa. e como isso não está a acontecer, as pessoas que querem uma alternativa vão votar pelas extremas, ou seja, ou votam pela extrema-esquerda ou votam pela extrema-direita. E nós provavelmente iremos assistir durante as próximas eleições europeias a uma quebra mais pronunciada ainda da família socialista e a uma menor presença dos partidos e dos deputados socialistas no Parlamento Europeu.

Estamos em Dezembro, a terminar mais um ano. Pedia-lhe uma ou duas palavras-chave para classificar este ano europeu.

O ano 2018 foi em larga medida um ano de grandes divisões dentro da União Europeia, ao nível dos dirigentes. Vários temas fracturaram a posição dos diferentes

países membros da União Europeia. O ano de 2019 tem que ser um ano de unificação e a grande tarefa que resta ainda a fazer a Jean-Claude Juncker e Donald Tusk, de depois a grande tarefa que será também necessário fazer após as eleições para o Parlamento Europeu, é voltar a encontrar temas que unifiquem a família europeia e que permitam dar esperança, não só à política europeia, mas sobretudo dar esperança aos eleitores e aos cidadãos da Europa. Por isso a questão da unidade entre os diferentes estados-membros e a questão de duas ou três grandes bandeiras que possam resumir essa unidade são questões fundamentais e têm que estar presentes no discurso político durante o ano 2019.

V.

Estivemos com Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa. E antes de terminar, tempo para a nossa nota cultural.

A escritora brasileira Marília Garcia venceu com "Câmera Lenta" o Prémio Oceanos de literatura de língua portuguesa. Um prémio que tem o valor de cerca de 24 mil euros.

O anúncio foi feito na sexta-feira durante uma cerimónia no Palácio Nacional da Ajuda, em Lisboa. O 2.º lugar foi para o português Bruno Vieira Amaral, com "Hoje estarás comigo no paraíso".

Em 3.º ficou o poeta português Luís Quintais, com a obra "A noite imóvel". Já o prémio do 4.º lugar foi atribuído ao poeta moçambicano Luís Carlos Patraquim, com "Ó deus restante". A esta edição concorreram 1.364 trabalhos, de 406 editoras.

Nós fechamos assim esta temporada do Magazine Europa, que regressa numa próxima oportunidade.

[ficha técnica]

Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Hélder Beja, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus +. Estamos no Facebook em Magazine Europa.